

GÊNERO E SEXUALIDADE: CONTRIBUIÇÕES DE UMA PROPOSTA DE ENSINO NA MODALIDADE REMOTA

BINATTO, P. F.¹.; MACIEL, N.O.²

¹Docente do IFNMG – campus Arinos; ²Egressa do Curso Técnico Integrado em Informática do IFNMG – campus Arinos.

Palavras chaves: Educação Sexual; Ensino de Biologia; TDICs; Mediação Pedagógica.

Introdução

Gênero e sexualidade são componentes biológicos dos seres vivos. Porém, na espécie humana, são categorias construídas pela interação entre os sujeitos e suas culturas. Apesar disso, a abordagem destas no âmbito escolar é geralmente superficial e restrita às aulas de Biologia, normatizadas por conteúdos, como Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), métodos contraceptivos e estratégias de prevenção baseada na relação saúde/doença, desconsiderando as dimensões sociais, pessoais e psíquicas (ALTMANN, 2009; EW, et al., 2017; MORANDO; SOUZA, 2019; PIROTTA, et al., 2015; SILVA, GUERRA, 2013; SILVA, SIQUEIRA, ROCHA, 2009).

O papel das escolas na orientação sexual, para construção da autonomia e do projeto de vida de crianças e adolescentes é incontroverso. De acordo com Gesser e colaboradores (2012), quando a escola negligencia esse papel, ela contribui para amplificar as desigualdades, deixando os estudantes em situação de maior vulnerabilidade.

Em decorrência da necessidade de manter o isolamento, como medida profilática contra a COVID-19, foi implementado nos anos de 2020 e 2021, o ensino remoto, mediado por Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs). A partir dessa situação de excepcionalidade foram realizadas adaptações diversas ao processo ensino-aprendizagem, que merecem ser investigadas oferecendo assim, subsídios para avaliação das propostas desenvolvidas nesse contexto. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é indicar as contribuições do desenvolvimento de uma proposta de ensino, desenvolvida na modalidade remota, para desmistificação de conceitos relacionados ao gênero e à sexualidade.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que analisou uma proposta de ensino desenvolvida na modalidade remota, nos meses de setembro a dezembro de 2021. Os participantes, estudantes de duas turmas do 1º ano dos Cursos Técnicos Integrados em Meio Ambiente e Informática, foram organizados em grupos de até 6 pessoas. Cada grupo escolheu a temática específica que gostaria de estudar, recebendo a orientação de uma das pesquisadoras.

Os estudantes registraram o estudo desenvolvido em uma síntese, descrevendo os principais conceitos e dados sobre os temas. A seguir, produziram um infográfico em duas versões. A primeira versão foi revisada pelas orientadoras, favorecendo uma avaliação processual. Além das correções realizadas, houve também o atendimento de dúvidas dos estudantes. Após essas orientações eles produziram a versão final. O *Google Sala de Aula* foi utilizado para orientações gerais, envio de materiais e entrega dos textos. O *WhatsApp* e o *Google Meet* foram utilizados para os encontros síncronos.

Para o recorte da pesquisa, foram analisados apenas os dados referentes dos 06 grupos que optaram por temáticas relacionadas ao gênero e a sexualidade, que foram orientados pelas autoras da pesquisa. Especificamente esses grupos discutiram os temas: Desigualdade de Gênero (G1), Femicídio (G2), Orientação Sexual (G3 e G4) e Identidade de Gênero (G5 e G6). Os dados analisados foram obtidos pelas produções textuais enviadas pelos grupos (síntese sobre o tema e infográficos), pelas reuniões de orientação e contatos estabelecidos com os estudantes, por meio de *WhatsApp* e *Google Sala de Aula*.

Resultados e discussão

De maneira geral é possível afirmar que os estudantes puderam construir conceitos para além da compreensão restrita à Biologia, já criticada por diversos autores (EW, et al., 2017; MORANDO; SOUZA, 2019; PIROTTA, et al., 2015; SILVA, GUERRA, 2013; SILVA, SIQUEIRA, ROCHA, 2009). A proposta de ensino desenvolvida permitiu a abordagem de aspectos sociais, históricos, sociológicos e políticos ligados ao gênero e à sexualidade.

Os participantes do G1, por exemplo, foram capazes de identificar uma série de desigualdades relativas ao gênero, já descritas por Monteiro, Araújo, Moreira (2018), como: diferenças salariais, maior responsabilidade feminina nas tarefas domésticas, acesso à educação e liberdade no exercício de sua cidadania. Inicialmente o grupo demonstrou uma visão determinista, que utilizava os fatores históricos para reforçar e justificar as desigualdades, argumento que foi revista ao longo da proposta.

No grupo G2, a violência contra a mulher foi problematizada utilizando aspectos do cotidiano, como um aplicativo de *WhatsApp*, adaptado para denunciar o agressor e proteger as vítimas. Também utilizaram um filme e dados sobre o feminicídio no Brasil, indicando a oportunidade de revisitar o problema tanto por meio de manifestações culturais, como pela compreensão da realidade.

Os grupos G3 e G4, que discutiram Orientação Sexual, demonstraram que não estavam muito familiarizados com a temática no início da proposta. O G4 chegou inclusive a indicar a identidade de gênero como um tipo de orientação sexual. Já o G3, não trazia a assexualidade como um tipo de orientação sexual, em seus primeiros estudos. Como indicam Santos e Carvalho (2019), a assexualidade é bastante desconhecida, podendo ser alvo de dúvidas e críticas, por fugir às regras de uma sociedade hipersexualizada. Logo, a possibilidade de abordar o conceito, favorece desmistificar as visões preconceituosas. Assim, ao final da proposta, o G3 foi capaz de apresentar adequadamente o conceito de sexualidade e explicar a parte da sigla LGBTQIA+, referente às orientações sexuais.

Na temática Identidade de Gênero, os grupos G5 e G6 também apresentaram inicialmente algumas dificuldades, que se tornaram possibilidades para desenvolver diferentes conceitos. Em G5, por exemplo, houve uma confusão inicial entre os termos identidade, sexo e expressões de gênero, pois eles apresentaram como sinônimo. Além da ausência da abordagem da identidade travesti, que conforme aborda Jesus (2012), é preciso ser discutida, considerando o estigma social e até mesmo profissional que as permeiam. Já o G6 demonstrou maior apropriação do tema, abordando as dificuldades de uma pessoa transgênero na sociedade. Entretanto, faltou destacar os privilégios de pessoas cisgêneros em relação aos transgêneros e travestis, já que o grupo havia proposto um comparativo.

A oportunidade que cada grupo teve de escolher o seu tema de estudo, permitiu aos docentes compreender melhor os interesses de cada um. Além disso, também favoreceu um engajamento maior na proposta por parte dos estudantes.

Destaca-se por fim, a importância do processo de orientação ocorrida em cada grupo. A mediação pedagógica, realizada pelas orientadoras, acompanhando todo o processo de preparação em relação ao tema, desde a escolha, estudo e produções dos infográficos, favoreceu muitos momentos de revisão de conceitos, perspectivas, trocas e discussões nas equipes. Tal como apontam Magalhães; Binatto e Oliveira (2021), apesar das atividades no formato remoto possibilitarem os estudos autônomos e desenvolvimento de práticas de metodologias ativas, é indispensável que ocorra essa mediação pedagógica, que favorece o engajamento no tema, a motivação, a discussão e dinamiza a aprendizagem.

Considerações finais

A proposta de ensino, desenvolvida na modalidade remota, favoreceu a abordagem e desmistificação de conceitos extremamente relevantes como: desigualdade de gênero; violência contra a mulher; aspectos da sexualidade humana, incluindo a assexualidade; diferenças entre identidade de gênero, sexo e expressões de gênero; bem como as dificuldades vivenciadas pelas pessoas transgêneros e travestis. Dessa forma, a abordagem das temáticas gênero e sexualidade, não se limitou à dimensão biológica, possibilitando aos participantes uma visão mais ampla, de acordo com seus interesses. Isso foi possível tanto pela possibilidade de escolha do tema de estudo, por parte dos estudantes, como pela constante mediação pedagógica que possibilitou importantes momentos de discussão e revisão de conceitos.

Referências

- ALTMANN, H. Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção. **Cadernos de Pesquisa**. Maranhão, v. 39, n. 136, p. 175-200, jan./abr. 2009.
- EW, Raquel de Andrade Souza et al. Diálogos sobre sexualidade na escola: uma intervenção possível. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 51-60, dez. 2017.
- GESSER, M. et al. Psicologia escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade. **Psicol. educ.** [Internet]. v. 16, n.2. Jul/Dez., p. 229-236, 2012.
- JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião, v. 2, p. 42, 2012.
- MAGALHÃES, Y. W. V.; BINATTO, P. F.; OLIVEIRA, H. M. P. Uso do Blog Biologia em Rede como Estratégia de Ensino Remoto. In: IX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO IFNMG - SIC 2021. **Anais** (Anais, proceedings etc) [...] Teófilo Otoni: Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, 2021.
- PIROTTA, K. C. M. et al. Programas de Orientação Sexual nas Escolas: uma análise das lacunas na implementação de políticas públicas a partir da percepção dos alunos da rede municipal de ensino de São Paulo. **Revista Gestão & Políticas Públicas**, v. 3, n. 1, 2015.
- SILVA, D. Q.; GUERRA, O. U. Educación sexual: estudio comparativo entre escuelas en Brasil y en Cuba. **Cadernos de Pesquisa**, Maranhão, v. 43, n. 148, p. 280-301, jan./abr. 2013.
- SILVA, I. O.; SIQUEIRA, V. H. F.; ROCHA, G. W. F. Educação sexual e gravidez de adolescentes: significados construídos por docentes do curso de formação de professores em uma escola pública do Rio de Janeiro, Brasil. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 8, n. 1, p. 216-231, 2009.
- SANTOS, Thais Pacheco; DE CARVALHO, Geraldo Mota. Assexualidade: orientação ou disfunção sexual? **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 4, p. 2709-2728, 2019.
- MONTEIRO, R. P.; ARAÚJO, J. N. G.; MOREIRA, M. I. C. Você, dona de casa: trabalho, saúde e subjetividade no espaço doméstico. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 13, n. 4, p. 1-14, 2018.